

## GRUPO INDÍGENA

Os Karajá, grupo cuja língua se inclui no tronco linguístico Macro-Jê, dividem-se em três sub-grupos: os Javaé, os Hambicá e os Karajá propriamente ditos.

Atualmente este grupo encontra-se localizado da seguinte maneira: os Javaé, às margens do rio Javaé e no interior da ponta norte da Ilha do Bananal; os Hambicá, em uma única aldeia, na margem direita do rio Araguaia, ao norte da Ilha do Bananal; e os Karajá propriamente ditos, às margens do rio Araguaia, desde Aruanã(GO) até Santana do Araguaia(PA).

## 2. POPULAÇÃO

O primeiro dado populacional existente na FUNAI referente aos Karajá de Santana do Araguaia, data de 1970 e dá conta de uma população de 56 indivíduos.

Em 1981 esta população havia se reduzido para 42 elementos.

Atualmente, o grupo é composto por 27 pessoas. Esta população encontra-se distribuída em duas pequenas aldeias: Maratanduba, com 14 índios, e Santo Antonio, com 13 elementos. Entre a população de Santo Antonio registra-se a presença de 01 "civilizado", que vive maritalmente com uma Karajá.

## 3. HISTÓRIA DE CONTATO

Conta-se, em Santana do Araguaia, que em 1893, quando os primeiros colonos, liderados por Inocêncio Pereira da Costa, chegaram àquela região, encontraram-na habitada por Kayapó, na terra firme, e Karajá, nas ilhas. Logo em seguida, então, os colonos e os Kayapó, mediante troca da terra, 30 cabeças de gado e um cavalo.

O fato é que, tão logo os colonos se instalaram na região, os Karajá deslocaram-se para a terra firme, estabelecendo-se ali e suas proximidades a vila recém-estabelecida, passando a conviver junto aos brasileiros.

Naquela época os Karajá permaneciam em terra firme apenas durante o período das cheias. A medida em que as águas do rio iam baixando e as praias começavam a surgir, os Karajá iam para elas se deslocando, e lá permaneciam por todo o verão, até que novamente as águas subissem e os deslocavam de volta para as terras altas.

A medida em que a vila de Barra de Santana (antiga Barra de Santana do Araguaia) foi se expandindo, a população Karajá foi

se reduzindo. Muitos se deslocando para a Ilha do Bananal, outros partindo para outras cidades próximas, se integrando ao meio regional, co pescadores, remadores, peões, etc.

#### 4. MODO DE VIDA

A aldeia Maramanduba localiza-se dentro do perímetro urbano do município de Santana do Araguaia, sendo como uma continuação da cidade, uma vez que a última casa da mesma dista cerca de 200 m da aldeia.

É formada por 3 casas e uma palhoça, dispostas às margens do rio. As casas são feitas de madeira com cobertura de palha. Possuem dois compartimentos, sendo a cozinha formada por uma "puxada" da casa. A palhoça é uma construção improvisada, feita por uma mulher Karajá que recentemente mudou-se para esta aldeia, vinda da Ilha do Bananal. A mobília das casas é constituída por mesas e bancos. Usam fogão à lenha para cozinhar seus alimentos. Em uma das casas há um fogão à gaz, porém quase nunca é utilizado por falta de combustível. Não usam redes, dormindo em suas tradicionais esteiras.

A língua falada internamente é o Karajá, porém, quase todos os elementos dominam o português. As crianças da aldeia, inclusive, frequentam a escola municipal de Santana do Araguaia.

Vivem basicamente da pesca. Os produtos obtidos através desta atividade são os principais bens de consumo e de comercialização do grupo. Os instrumentos usados são o arco e flecha, anzóis e redes. Praticam também a pesca de quelônios (tartaruga, tracajá), bem como coletam seus ovos nas praias que surgem durante o verão.

Como o grupo é formado por uma só família, possuem apenas uma roça, cuja extensão não excede a 01 ha. Localiza-se esta roça logo atrás das casas. Plantam, entre outras coisas, mandioca, cará, milho, batata, melancia, gerimum e arroz.

Dedicam-se também a fabricação de artesanato (cestos, colares, arco e flecha, anéis de carço de tucunã, tangas, etc) e de cerâmica (potes, as tradicionais bonecas, etc), os quais comercializam com os habitantes de Santana e, principalmente, com os turistas que frequentam a região durante o verão.

A aldeia Santo Antonio localiza-se à cerca de 5 km da cidade de Santana. Nesta aldeia as casas, também construídas com madeira e cobertura de palha, estão dispostas desordenadamente.

Plantam os mesmos produtos que os Karajá de Maramanduba, sendo também a pesca a principal fonte de subsistência e comércio.

A língua usada ainda é o Karajá, sendo que todos, excetuando os mais velhos, dominam o português.

Devido a distancia que os separa de Santana, visitam menos esta cidade do que os outros Karajá, tanto que as crianças do grupo não frequentam a escola de Santana do Araguaia.

Também dedicam-se a fabricação de artesanato e cerâmica para a comercialização.

A caça, apesar de não muito farta, ainda é encontrada na dieta do grupo de Santo Antonio. O instrumento usado nesta atividade é a espingarda.

## 5. TUTELA E ASSISTÊNCIA

A assistência recebida pelos Karajá de Santana do Araguaia por parte da FUNAI, restringe-se ao envio de medicamentos, gêneros do INAN, manutenção e uma atendente de enfermagem em Santana, e ao envio periódico da EVS.

Apesar do grupo localizar-se no Estado do Pará, encontra-se sob a jurisdição da Ajudância de Araguaína (antiga 7ª DR), em virtude de encontrarem-se mais próximo daquela Unidade.

## 6. SITUAÇÃO ATUAL DAS TERRAS

Em 1970 a Prefeitura de Santana do Araguaia ofereceu à FUNAI uma área de 285 m de frente por 1.000 m de fundo para abrigar os Karajá que habitavam aquele município.

Uma equipe da FUNAI designada para estudar o problema "in loco", concluiu que a área era muito pequena para ser ocupada pelos Karajá, que naquela época somavam 56 elementos, e solicitou à Prefeitura que a mesma fosse ampliada, no que a Prefeitura concordou, aumentando-a para 600 m de frente por 2.000 m de fundo.

Levado o problema para o DGPI opinar, o mesmo se pronunciou contrário a extensão da área, considerando-a pequena para abrigar 120 índios, uma vez que constava no relatório da equipe, que além dos 56 existentes em Santana, havia mais, cerca de 60 Karajá, que para lá se deslocariam, tão logo fosse criado o Posto *Posto São João*, o que era a intenção da FUNAI na época.

Foi, então, escolhida uma outra área, medindo cerca de 6.000 m de frente por 5.600 m de fundo, compreendendo aos lotes Nº 01 e parte do Nº 02 da Planta Geral do município, caracterizada como área devoluta do Estado, e mais uma ilha, denominada Inajá, medindo aproxi -

relativamente 6.000 m de comprimento por 3.000 m de largura, que segundo a equipe, poderia ser utilizada pelos índios para as caçadas e pequenas culturas. Tratando-se de área devoluta do Estado do Pará, a FUNAI se citou ao mesmo que fosse feita a doação das terras para os índios. Isto já em abril de 1973. Em janeiro de 1974, o Governo do Estado do Pará informou à FUNAI que a área por ela pretendida incidia em terras tituladas em nome de Martinho de Mota Alencar, Título Definitivo Nº 45, expedido em 30.12.1961.

Enquanto isto, na região, um funcionário da FUNAI para lá designado, acreditando que a área seria regularizada em nome dos índios e por estar sendo prejudicial aos mesmos a permanência junto aos civilizados (alcoolicismo, prostituição, etc), transferiu-os para dentro da área que estava sendo requerida pela FUNAI, onde hoje se encontra a aldeia Santo Antonio. Entretanto, só uma parte do grupo concordou com a transferência, permanecendo o restante no local onde ainda hoje se encontram, isto é, na aldeia Karamanduba.

Após a informação fornecida pelo Governo do Pará, de que a área requerida pela FUNAI já encontrava-se titulada, nenhuma providência mais foi tomada em relação ao problema.

Somente em 1983 a FUNAI retomou a questão, designando um Grupo de Trabalho para levantar a situação atual do grupo e propor uma solução para o problema.

Segundo o relatório apresentado pelo Grupo de Trabalho a área ocupada pelos Karajá de Karamanduba encontrava-se cercada de arvores frpado, medindo aproximadamente 04 ha. Tal área, localizada dentro do perímetro urbano do Município, não apresentava as mínimas condições para servir de habitat para o grupo, apesar de o mesmo ser de pouco por apenas 14 elementos. Entretanto, esses Karajá recusam-se terminantemente a transferir-se para outra área. Em vista disto, a única alternativa encontrada foi propor a regularização de um lote de 25 ha, única área ainda não ocupada pelos regl... de, em nome do grupo Karajá, através de um ato de locção por parte da Prefeitura de Santana do Araguaia, uma vez que dentro do perímetro urbano do município.

Para o grupo da aldeia Santo Antonio, localizada fora da cidade, foi proposta a demarcação de uma área de aproximadamente 1.100 ha.

No entanto esta proposta não foi aceita pelas Direções da FUNAI.

Caruena Sylvia Affonso